

**SIEGFRIED HEUSER E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO MDB NO RIO  
GRANDE DO SUL (1964-1966)**

Gustavo Henrique Kunsler Guimarães\*

Universidade de Passo Fundo

ghkg18@gmail.com

**Considerações Iniciais**

O presente trabalho é fruto de um recorte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida a nível de mestrado acerca da trajetória política de Siegfried Emanuel Heuser. No estudo dos partidos políticos, compreender as ações de determinado agente dentro de um contexto é pertinente para problematizar a posição que o mesmo ocupa dentro daquele campo. Assim, entender como Siegfried Heuser se posicionou no período de transição entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) possibilita pensar como uma das lideranças partidárias daquele período, no Rio Grande do Sul, agiu, e como tais ações reverberaram na sociedade.

Siegfried Heuser começou sua trajetória política em 1950, quando foi eleito deputado estadual pelo PTB no Rio Grande do Sul. Além desta, Heuser teve cadeira na Assembleia Legislativa em mais três legislaturas, sendo eleito nos pleitos de 1954, 1958 e 1962, todos pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Após a eleição de 1958, quando foi o terceiro deputado estadual mais votado no Rio Grande do Sul, assumiu a Secretaria dos Negócios da Fazenda em 1959, quando Leonel Brizola fora governador do Rio Grande do Sul, auxiliando em processos que marcaram a gestão, como a ampliação da rede de escolas no estado, a criação da Caixa Econômica Estadual e o processo de encampação de empresas estrangeiras no estado. Assim, na conjuntura estabelecida pelo recorte cronológico deste trabalho, Heuser já configurava como uma das lideranças trabalhistas no estado.

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Neste sentido, a apresentação tem como objetivos, enfatizar o período de transição entre o Partido Trabalhista Brasileiro e o Movimento Democrático Brasileiro, além de problematizar a organização do Movimento Democrático Brasileiro analisando a constituição da primeira executiva estadual do partido, e a liderança de Siegfried Heuser enquanto presidente da agremiação. Faz-se ainda uma breve análise das disputas internas dentro do partido a partir de alguns acontecimentos que tiveram reverberação na agremiação, como foi o caso das eleições de 1966.

Para isso, se utiliza como fontes dois jornais de grande circulação em Porto Alegre: o *Diário de Notícias* e o *Correio do Povo*. O material referente ao *Diário de Notícias* foi analisado a partir das edições disponibilizadas no site da Hemeroteca Nacional, enquanto as fontes obtidas no *Correio do Povo* foram acessadas pelas edições disponíveis no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV). A partir do recorte cronológico estabelecido que vai de 1964 até 1966, as fontes foram organizadas dentro de uma análise qualitativa, a partir de passos operativos de categorização presentes em Bardin (2016). Para isso, as mesmas foram aglutinadas em grandes pastas referentes aos respectivos jornais. Posteriormente em subpastas, as notícias foram organizadas por ano de publicação e em um nível mais profundo foram organizadas entre notícias relacionadas as agremiações e notícias vinculadas a Siegfried Heuser. Essa catalogação tornou possível a análise do considerável volume de fontes obtidas, viabilizando a estruturação e análise do conteúdo das fontes a fim de contextualizar e problematizar as ações de Heuser ao longo do período de transição entre os anos finais do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e os iniciais do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), levando em consideração que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (DE LUCA, 2011, p. 132). Para analisar os acontecimentos e posicionamentos políticos no decorrer da estruturação do MDB, será utilizado o conceito de campo político de Pierre Bourdieu.

### **Heuser e o processo de formação do MDB no Rio Grande do Sul**

A fim de compreender o processo de formação do Movimento Democrático Brasileiro no Rio Grande do Sul é necessário fazer uma breve análise da Executiva estadual petebista anterior ao golpe de 1964. Eleita em 1962, a executiva tinha como Presidente João Goulart, 1º Vice-Presidente João Caruso, 2º Vice-Presidente Rui Ramos e apenas como 3º Vice-Presidente Siegfried Heuser. Logo, se percebe que apesar de ser uma considerável liderança trabalhista no estado, nos anos que antecedem o golpe, Heuser perfilava na elite dirigente do partido, mas não necessariamente como um dos principais agentes no processo decisório. Contudo, a partir de 1963 e com maior ênfase em 1964, devido a uma série de acontecimentos<sup>1</sup>, Siegfried Heuser se tornou o líder da agremiação petebista no estado. A frente do partido, Heuser foi o dirigente petebista durante o golpe de 1964, que atingiu consideravelmente o PTB, como salienta Maria Celina D’Araújo:

Vitorioso o golpe de Estado, o PTB foi o partido mais atingido. Perdeu o governo e figurou em primeiro lugar nas listas de cassações (Kinzo, 1988). Em inícios de junho de 1964, o PTB havia perdido cerca de um quarto dos membros do Diretório Nacional.

Num total de 32 cassações estavam incluídos sete dos 21 membros da Comissão Executiva Nacional que acabara de ser eleita dias antes do golpe. Essas perdas atingiram o partido não só pela quantidade como pelo fato de as lideranças mais expressivas terem sido obrigadas a deixar o país, iniciando o que seria um longo exílio. (1996, p. 165).

Devido as cassações que afastaram do partido suas principais lideranças, os integrantes que mantiveram atividade na política precisaram reestruturar a agremiação. Em nível estadual, foi eleita em 1965 uma nova executiva petebista, que esteve desfalcada significativamente de lideranças devido a série de cassações que ocorreram após o golpe de 1964. Nesta executiva, que foi a última constituída pelo Partido Trabalhista Brasileiro, a eleição de Siegfried Heuser como presidente foi considerada natural pelos integrantes da agremiação no estado, visto que respeitava a ordem

---

<sup>1</sup> Dentre esses acontecimentos destaca-se que João Goulart não atuava diretamente na presidência da executiva, visto que era presidente no país. João Caruso foi para Brasília para dirigir a Superintendência da Reforma Agrária e Rui Ramos faleceu em um acidente de avião em 1962, durante a campanha eleitoral. Além disso, após o golpe diversas lideranças petebistas do estado tiveram seus direitos políticos cassados, como foi o caso do presidente João Goulart, além de João Caruso, Leonel Brizola, Justino Costa Quintana e Sereno Chaise, falando apenas dos políticos que compunham inicialmente a executiva petebista eleita em 1962.

hierárquica da executiva anterior. Além disso, Heuser possuía boa relação entre os políticos do partido e era uma figura considerada mais moderada<sup>2</sup>, aceitável para o regime ditatorial insurgido. Somada a tais questões, se alia o fato de Siegfried Heuser estar naquele período como líder petebista na Assembleia Legislativa, acumulando assim diversas funções dentro do partido. A executiva petebista ficou assim composta:

Quadro 1 – Executiva do PTB do Rio Grande do Sul eleita em 1965

Presidente	Siegfried Emanuel Heuser
1º Vice-Presidente	Ayrton D'ávila Barnasque
2º Vice-Presidente	Norival Paranaçu de Andrade
3º Vice-Presidente	Henrique Henkin
4º Vice-Presidente	José Mariano de Freitas Beck
5º Vice-Presidente	Unírio Carrera Machado
6º Vice-Presidente	Álvaro Petracco da Cunha
Secretário Geral	Raphael Martinez Risco
1º Secretário	João Brusa Neto
2º Secretário	Mozart Bianchi Rocha
3º Secretário	Aldo Fagundes
4º Secretário	Anselmo Francisco do Amaral
Tesoureiro Geral	Marcírio Goulart Loureiro
1º Tesoureiro	Valdir Antonio Lopes
2º Tesoureiro	Pedro Jorge Simon
3º Tesoureiro	Wilmar Côrrea Taborda
4º Tesoureiro	Otávio Brochado Da Rocha

Fonte: RODRIGUES, (2018).

Considerando as diversas cassações que afetaram o PTB, a composição da executiva estadual de 1965 esteve alijada de diversas lideranças do partido. Apesar de manter na executiva petebistas de grande expressão, a ausência sobretudo de João Goulart e Leonel Brizola foi sentida, visto que na ausência destes o partido se reorganizou internamente a partir de grupos já existentes desde o início da década de 1960.

Conforme destaca Igor Grill (2005), na década de 1960, ainda no PTB, dois grupos divergiram nos quadros petebistas acerca de como lidar com o regime instaurado a partir do golpe de 1964. Desses grupos, o liderado por Siegfried Heuser, Brusa Neto e

<sup>2</sup> Heuser era considerado uma figura moderada dentro dos quadros trabalhistas em relação a outras lideranças do partido, como Leonel Brizola e Mariano Beck. Nos anos finais do PTB e nos iniciais do MDB, Heuser liderou a chama “linha mais branda”, que tinha como principal característica o diálogo.

Pedro Simon ganhará ao longo dos anos mais espaço dentro da agremiação, dirigindo o Movimento Democrático Brasileiro durante todo o período bipartidário, primeiro com Heuser e depois com Simon. Destes grupos, o liderado por Heuser possuía maior adesão no estado, de maneira geral, embora o outro grupo, mais aproximado com José Mariano de Freitas Beck, tivesse maior recepção no diretório do sul do estado, na cidade de Pelotas. Tal divergência é comum dentro do campo político, visto que “há interesses que se definem na relação com as pessoas do mesmo partido ou contra as pessoas dos outros partidos” (BOURDIEU, 2011, p. 199).

Os grupos chegaram a disputar simbolicamente a hegemonia interna da agremiação na escolha do candidato do partido para a Prefeitura de Porto Alegre. Na ocasião, José Mariano de Freitas Beck possuía a preferência dos petebistas para concorrer à prefeitura. Porém, alguns dias antes da definição da chapa, Siegfried Heuser também se colocou como candidato. Assim, houve uma votação interna do partido para a definição do representante do PTB nas eleições, vencida por José Mariano Beck. No *Correio do Povo*, a notícia foi publicada no espaço do jornal dedicado a assuntos políticos sob o título “PTB reunido ontem indicou Mariano e Vecchio”. Na notícia além de discorrer acerca das atividades internas do partido, o jornal colocou que “postas, então, em votação as chapas encabeçadas pelos srs. Mariano Beck e Siegfried Heuser, verificou-se o seguinte resultado: Mariano Beck: 73 votos e um em branco; Siegfried Heuser: 43 votos.” (CORREIO DO POVO, 15/04/1965, p. 7).

A notícia "Eleições municipais: PTB poderá complicar as coisas", publicada nas notas políticas do *Diário de Notícias*, pontuou informações que contribuem no sentido de identificar os grupos divergentes dentro do partido.

A vitória do sr. Mariano Beck sobre o sr. Siegfried Heuser é atribuída à influência de elementos que tiveram seus direitos políticos cassados. Como se recorda, o deputado Heuser nunca "opinou" com o sr. Leonel Brizola e pretendia conduzir o PTB para novos rumos. Mas os "saudosistas" não somente conseguiram derrotar a "nova linha", como também elegeram a maioria dos membros do Diretório Municipal, desta maneira assegurando para amanhã a escolha da nova Executiva. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16/04/1965, p. 5).

Assim, a primeira disputa entre os grupos petebistas divergentes mostrou a força dos grandes líderes do partido, ainda que exilados. Tal derrota daquela que Igor Grill (2017) coloca como “linha mais branda” petebista, liderada por Siegfried Heuser, não chegou a gerar uma mudança de liderança interna no partido, visto que Heuser continuou como presidente da agremiação e líder da bancada do PTB na assembleia, procurando assim aglutinar e concentrar funções de liderança no partido em torno de si, entendendo que “as condutas dos agentes são determinadas por sua posição na estrutura da relação de forças característica desse campo no momento considerado” (BOURDIEU, 2011, p. 201).

Somado a tais elementos, em 27 de outubro do mesmo ano, o Ato Institucional nº 2, em seu artigo nº18 extinguiu os partidos políticos e cancelou os registros. Tal arbitrariedade provocou uma reorganização partidária em todo o país. Contudo, tais clivagens já estavam, em certa medida, organizadas no Rio Grande do Sul, visto que:

Durante muito tempo, o Rio Grande do Sul havia sido um estado polarizado, caracterizado por dois partidos em competição e enrijecidos por anos de lutas e eleições. Os decretos federais simplesmente trouxeram uma mudança de nome a institucionalização de uma situação já existentes. (CORTÉS, 2007, p. 307).

Dada a necessidade de rearticulação partidária a partir do Ato Complementar nº4 de 20 de novembro de 1965, diversas lideranças começaram a se organizar para a formação das agremiações. É válido destacar que de acordo com o primeiro artigo do Ato Complementar, inicialmente as agremiações possuíam atribuições de partidos políticos, contudo não se configuravam formalmente como partidos. Dentro desta conjuntura de reorganização Siegfried Heuser se manifestou, tendo sua fala reverberada no jornal *Correio do Povo*. Na notícia foi salientado que:

O deputado Siegfried Heuser, líder da bancada do extinto PTB e presidente regional daquela antiga agremiação, manifestando-se sobre a criação do bloco de oposição, possibilitada por aquele ato, classificou-a de excelente. E frisou: "o bloco da oposição caracteriza a nossa situação de oposição: É muito importante a existência de uma força de oposição". Salientou, por outro lado, que dois blocos são suficientes, não havendo atualmente, necessidade de formação de mais partidos políticos. (CORREIO DO POVO, 28/11/1965, p. 7).

Conforme pode se verificar a partir da publicação, Heuser não era favorável à criação de outra organização partidária, considerando mais adequado a lógica situação *versus* oposição. Para isso, a configuração da nova legenda foi articulada levando em consideração possíveis nomes para dirigi-la. Neste sentido, os possíveis nomes começaram a ser ventilados ainda em 1965. A notícia "Michaelson está em recesso e Heuser deverá dirigir MDB", pontuava que Egídio Michaelson não estava entre as possíveis lideranças que liderariam a estruturação de um partido de oposição no estado. A mesma notícia ainda colocava que "o MDB vai ser dirigido em nosso Estado, por elementos atualmente militantes da vida política, sendo o deputado Siegfried Heuser aquele que reúne as preferências de grande parte da oposição." (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/12/1965, p. 5). No final de janeiro de 1966, o *Correio do Povo* também divulgou possibilidades para a liderança da futura agremiação. A notícia colocava como opção o deputado estadual Cândido Norberto, que antes da extinção dos partidos políticos estava vinculado ao Movimento Trabalhista Renovador (MTR).

O deputado Cândido Norberto surgiu, nos últimos dias, como o candidato mais cotado para assumir a presidência do MODEBRAS, no Estado. Constituída a ARENA, as atenções dos círculos políticos voltam-se para a formação do Partido da Oposição, que deverá estar formado até meados de fevereiro, conforme intenção de seus futuros integrantes. O deputado Siegfried Heuser, líder da oposição do Legislativo estadual, deverá desenvolver intensa atividade, a partir de quarta-feira próxima, no sentido da formação do MODEBRAS no Rio Grande do Sul. (CORREIO DO POVO, 29/01/1966, p. 7).

Cabe destacar que dentre as atividades citadas estava a articulação para verificar a proporção de participação entre as antigas agremiações no MDB do Rio Grande do Sul. A principal questão a ser resolvida para a formação da agremiação era a participação dos integrantes do antigo MTR. Os debates acerca do número de vagas no diretório foram mais intensos no mês de fevereiro de 1966, de acordo com a análise nos jornais selecionados. Resolvida a organização das vagas dentro do diretório, foi eleita a executiva do partido no estado que ficou assim composta:

Quadro 2 – Executiva do MDB do Rio Grande do Sul eleita em 1966

Presidente	Siegfried Emanuel Heuser
Vice-Presidente	Marcílio Goulart Loureiro

Vice-Presidente	Hermes Pereira De Souza
Vice-Presidente	Walter Von Muhlen
Secretário Geral	Aldo Fagundes
Tesoureiro	Valdir Lopes
Vogal	João Brusa Neto
Vogal	Leônidas Xausa
Vogal	José Mariano Beck
Vogal	Otávio Caruso da Rocha
Vogal	Osmar Lauchtenschleiger

Fonte: RODRIGUES, (2018).

A partir do quadro se percebe que a executiva emedebista aglutinou integrantes de quatro partidos extintos, tendo em maior número integrantes do PTB. Heuser que foi o último presidente petebista no estado continuou como presidente no MDB. Além dele, Marcírio Goulart Loureiro, vice-presidente, também era oriundo dos quadros petebistas. Somado ao presidente e vice, Aldo Fagundes, Valdir Lopes, João Brusa Neto, José Mariano e Otávio Caruso da Rocha Beck também faziam parte do antigo PTB. Os políticos vindos do MTR estavam representados na executiva emedebista por Walter Von Muhlen e Osmar Lauchtenschleiger. A pequena dissidência do PSD que migrou para o MDB no Rio Grande do Sul estava representada por Hermes Pereira de Souza, que fazia parte de um grupo do PSD no estado que apoiava Juscelino Kubitschek. Cabe destacar que na composição da executiva ainda havia um integrante oriundo do Partido Democrata Cristão: Leônidas Xausa. Sob tal composição:

O MDB se transformou, basicamente, em um PTB ampliado. O MTR de Fernando Ferrari, que havia começado como movimento dissidente dentro do PTB, escolheu naturalmente o MDB como alternativa mais aceitável. Afora isso, uma pequena parte do PSD, uma ala minoritária do PDC e a fraca Aliança República Socialista entraram no MDB. (CORTÉS, 2007, p. 307).

Após a composição da executiva emedebista, se percebe que ocorreram articulações para estruturar o partido no estado. Heuser acompanhado do deputado e secretário geral do MDB, Aldo Fagundes, foi até o Tribunal Regional Eleitoral visando efetivar o registro da agremiação. Conforme publicado na imprensa, “a visita foi de cortesia, mas os parlamentares aproveitaram a oportunidade para obter informações sobre o registro do Diretório Regional e dos diretórios municipais.” (CORREIO DO POVO, 28/04/1966, p. 9).



A organização emedebista no estado cumpria mais de um objetivo em sua estruturação. Se por um lado a formação dos diretórios sedimentava a presença emedebista nas regiões, por outro já estruturava o partido frente as eleições de novembro de 1966. Acerca das eleições de 1966, se pode analisar como Heuser enquanto líder emedebista articulou a campanha eleitoral e a escolha dos candidatos para o pleito. Próximo ao período de definição das candidaturas para o pleito existia uma expectativa para a definição dos cargos pelos emedebistas. O maior cargo eletivo disputado no pleito foi o de senador, que devido o sistema vigente na eleição possibilitava a inscrição de até três candidatos por agremiação a partir do uso de sublegenda. Dentro desta conjuntura a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) apresentou os candidatos Guido Mondin, Synval Guazzelli e Mário Mondino. Pelo Movimento Democrático Brasileiro, Siegfried Heuser foi colocado no decorrer de todo ano como o principal candidato para o senado, mas a viabilidade de inscrição por sublegenda deixou aberta a possibilidade de outro candidato emedebista concorrer. Nesse sentido, o principal nome levantado foi o de Mariano Beck, conforme pode ser apurado nos jornais do período:

O sr. Mariano Beck deverá ter seu nome apontado na reunião de hoje da Comissão Diretora Regional do MDB, como candidato ao Senado por uma sublegenda. O candidato do MDB, contudo, será o sr. Siegfried Heuser, que conta com grande maioria de votos daquele organismo partidário. (CORREIO DO POVO, 09/09/1966, p. 7).

Mariano Beck representaria parte dos partidários emedebistas que não se sentiam representados pela liderança de Heuser. Se pontua ainda, que na definição da nominata para deputado estadual e federal, o diretório pelotense já reclamava uma falta de suporte da executiva estadual. Tais questões deixaram mais evidentes as divergências entre este grupo e o capitaneado por Heuser. Conforme publicação do *Diário de Notícias*, a candidatura de Mariano Beck por uma sublegenda para o Senado seria uma forma de protestar frente a tais divergências internas no MDB:

O pedido de sublegenda para o Senado pelo MDB, já está redigido e subscrito por um quinto dos membros da CDR, devendo ser entregue a Heuser até quarta-feira. O candidato já praticamente escolhido é o sr. Mariano Beck, sabendo-se que sua indicação representa o protesto dos

oposicionistas de Pelotas, contra a ação de Heuser e Brusa. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 18/09/1966, p. 5).

A candidatura única por parte do MDB pode ser entendida dentro do campo político como uma afirmação da liderança de Heuser, visto que “é preciso não esquecer de pesquisar a posição que ele ocupa no microcosmo e que explica uma boa parte do que ele faz” (BOURDIEU, 2011, p. 199). Assim, se utilizando da estrutura construída desde os anos finais de PTB e como primeiro presidente da executiva emedebista, Siegfried Heuser procurou lançar sua candidatura como único representante do MDB ao Senado, tendo como suplente o ex-pessedista Hermes Pereira De Souza. Tal manobra foi possível dado o capital político do mesmo, analisando sob a perspectiva salientada por Bourdieu que “o capital político de um agente político dependerá primeiramente do peso político de seu partido e do peso que a pessoa considerada tem dentro de seu partido” (2011, p. 204). Assim, enquanto líder da agremiação, Heuser tinha respaldo da maior parte dos integrantes do MDB do Rio Grande do Sul, viabilizando assim a candidatura única contra os três candidatos da ARENA.

Sobre o período eleitoral, Cortés definiu a campanha de Siegfried Heuser para o Senado como “uma campanha moderada, como a Michaelsen, o candidato petebista a governador, em 1962. Cortejou eleitores centristas, apresentando-se como candidato oposicionista moderado” (2007, p. 312). Ainda que Heuser e Hermes tenham percorrido a maior parte do estado no decorrer da campanha, a estratégia mais moderada não logrou êxito. Apesar de Siegfried Heuser ter alcançado um expressivo número de votos, estes não foram o suficiente para garantir a eleição do candidato do MDB para o Senado, conforme pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 3 – Resultados Eleições para Senador 1966

<b>Resultado Eleições 1966 – Santa Cruz do Sul</b>			
<b>Candidato</b>	<b>Partido</b>	<b>Nº de votos</b>	<b>Porcentagem de votos</b>
<b>Guido Mondin</b>	ARENA	322.901	20,45%
<b>Synval Guazzelli</b>	ARENA	206.917	13,10%

<b>Mário Mondino</b>	ARENA	142.662	9,03%
<b>Siegfried Heuser</b>	MDB	638.140	40,44%
<b>Branços</b>	-	115.809	7,34%
<b>Nulos</b>	-	152.086	9,64%

Fonte: NOLL & TRINDADE (1995)

Utilizando o sistema que permitia a inscrição de até três candidatos para concorrer ao senado, inscritos em sublegendas, a ARENA alcançou um número maior de votos do que o MDB. Apesar de Heuser ter feito uma expressiva votação, os 638.140 votos recebidos representaram 40,44% dos votos válidos, não sendo o suficiente para a eleição do presidente emedebista. Para Cortés, “se Mariano Beck estivesse na chapa com Heuser, sem dúvida os dois teriam ganho do trio da ARENA. (2077, p. 313). Essa questão, aliada a outros fatores, produziu críticas a executiva emedebista, sobretudo para Heuser, acerca da campanha e resultados do pleito.

Sobre os resultados eleitorais, estes foram reverberados nos jornais utilizados neste trabalho e ambos apontaram as análises interna do MDB em relação a votação para Senador. Tanto o *Correio do Povo*, quanto o *Diário de Notícias* apontaram como consequência da derrota eleitoral de Heuser no pleito uma agitação interna no partido, vinculada com maior ênfase a alguns emedebistas ligados ao diretório de Pelotas no sul do estado. O *Correio do Povo* publicou em sua página voltada a política a notícia "MDB de Pelotas examina resultados do pleito e pode ser contra Heuser". A notícia relatou que após os resultados eleitorais havia ocorrido uma reunião no diretório emedebista de Pelotas, na qual estavam presentes um grupo do diretório contrário a campanha feita por Heuser. Na reunião também se fizeram presentes José Mariano Beck e Otávio Caruso da Rocha. Apesar de um considerável contingente de emedebistas do diretório estar descontente com a liderança de Heuser na agremiação, a fala concedida ao jornal pelo vice-presidente do diretório pelotense procurou pontuar a insatisfação de parte do grupo sem tecer críticas contundentes a Siegfried Heuser. Conforme o jornal:

A propósito da anunciada disposição dos opositoristas de Pelotas de tentarem o afastamento de sr. Siegfried Heuser da presidência do MDB gaúcho, o sr. J. Bachieri Duarte, vice-presidente do diretório daquele município e membro da CDR, disse:

É possível que determinados elementos do nosso partido, em Pelotas, não aprovem todos os atos do deputado Heuser, na Presidência do MDB gaúcho. É possível, até, que prefiram outro líder no comando da nossa agremiação.

Mas a verdade autêntica é que a imensa maioria está solidária com o sr. Siegfried Heuser e, sem admitir que ele seja o único em condições de desempenhar a espinhosa missão de presidir, considera estar em ótimas mãos o timão da nossa nau. (CORREIO DO POVO, 29/12/1966, p. 7)

O descontentamento de parte do diretório de Pelotas também teve espaço nas páginas do *Diário de Notícias*. Com um título bem mais enfático “Aberta luta entre Heuser e emedebistas de Pelotas”, o jornal, além de reproduzir a mesma fala de José Bachieri Duarte, citou mais nomes em relação aos participantes da reunião.

Os integrantes da CDM de Pelotas, um dos mais fortes redutos trabalhistas do RGS, não concordam com a "indiferença e temor" da direção partidária e têm exigido dela uma definição clara. Com tal objetivo se reuniram ontem, naquela cidade com os membros do Diretório Municipal os deputados Enilton Grill, Mozart Rocha, Mariano Beck, Otávio Rocha, Matheus Schmidt e os srs. Hermes Pereira de Souza, Getúlio Dias e José Bachieri Duarte. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29/12/1966, p. 5).

Com base nas informações prestadas na notícia, se percebe que a maior parte dos políticos presentes na referida reunião não estavam alinhados com a “linha mais branda” liderada por Heuser desde o período de PTB e com continuidade nos quadros do MDB. Também é necessário levar em consideração que o diretório de Pelotas poderia ter firmado esta posição como resposta a não efetivação da candidatura de Mariano Beck ao senado via sublegenda no MDB, visto que para eleição do senador era possível inscrever mais de um candidato por legenda, no limite de três postulantes, e os números obtidos seriam somados para a legenda.

Apesar dos questionamentos desse importante diretório no estado, Heuser se manteve a frente da agremiação e procurou viabilizar no início de 1967 a transformação do Movimento Democrática Brasileiro, até então uma organização com atribuições de partido, em formalmente um partido constituído.

### **Considerações Finais**

Assim, para compreender o processo de organização do Movimento Democrático Brasileiro no Rio Grande do Sul é necessário compreender que a conjuntura estadual já estava concentrada entre dois blocos, não alterando

significativamente na construção das organizações partidárias em nível estadual. No que tange a atuação de Siegfried Heuser nesse processo, se percebe que o mesmo foi alçado a liderança do partido por uma questão de conjuntura, sobretudo após o golpe de 1964. Heuser que já era conhecido dentro do partido como líder da “linha mais branda” petebista, procurou aglutinar funções de importância, como foi o caso da presidência da executiva estadual e a liderança da bancada petebista na Assembleia. Tais elementos permitiram ao mesmo viabilizar sua liderança no Movimento Democrático Brasileiro. Se por um lado Heuser concentrava funções entre os petebistas, por outro o político era bem querido pelos integrantes do MTR, já que no decorrer da passagem de Fernando Ferrari - líder da cisão petebista que fundou o MTR – pelo PTB, Siegfried Heuser fazia dobradinha com o político nas campanhas eleitorais. Além disso, por ser um político mais moderado como oposição, a liderança de Heuser era, em certa medida, mais aceitável para o regime instaurado.

Ainda que a composição das agremiações tenha se dado relativamente coesa as coligações anteriores ao AI-2, chama-se atenção para os grupos que procuravam dirigir a agremiação. No presente trabalho foi apontado a existência de dois grupos surgidos ainda no PTB, que disputaram a hegemonia interna no partido. O grupo liderado por Siegfried Heuser teve maior recepção nos quadros emedebistas, e procurou viabilizar sua liderança em diversas situações, como foi o caso apontado na eleição para o Senado, onde o MDB concorreu com apenas um candidato, sendo este o presidente da executiva estadual do partido.

Utilizando publicações dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, ambos com circulação em Porto Alegre, procurou-se analisar as notícias relativas ao processo de formação do Movimento Democrático Brasileiro no Rio Grande do Sul e como Siegfried Heuser estava inserido neste processo. Utilizando as noções de campo político, somadas as publicações utilizadas, foi possível delinear a formação da organização partidária, atentando para suas disputas internas.

## **Referências**

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Tradução de: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 5, p. 193-216, 2011.

CORTÉS, Carlos E. **Política Gaúcha (1930-1964)**. EDIPUCRS, 2007.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma & poder: o PTB de 1945-65**. Editora FGV, 1996.

GRILL, Igor Gastal. Bases sociais e intérpretes da "tradição trabalhista" no Rio Grande do Sul. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 525-556, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582005000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582005000300003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GRILL, Igor Gastal. “Heranças Políticas” no Rio Grande do Sul. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 3, n. 1, p. 471-484, 2017.

NOLL, Maria Isabel & TRINDADE, Hélió. **Estatísticas eleitorais comparativas do Rio Grande do Sul**. 1945-1994. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

RODRIGUES, Márcio Soares. **Assimetrias na travessia: a cisão do emedebismo gaúcho**. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8335>>. Acesso em: 15 jul. 2019.